

**KÁTIA SOUZA RANGEL.**  
katia.amis@gmail.com

**POLÍTICA AMBIENTAL E CULTURA TRADICIONAL:  
COMUNIDADE DO MANDIRA, CANANÉIA/SP.**

Trabalho final apresentado ao  
12º Encontros de Geógrafos  
da América Latina.  
Montevideu, Uruguay, 2009.

SÃO PAULO,  
2009.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS.  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA.

**KÁTIA SOUZA RANGEL.**  
katia.amis@gmail.com  
Graduanda em Geografia pelo  
Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo – 2009.

## **POLÍTICA AMBIENTAL E CULTURA TRADICIONAL: COMUNIDADE DO MANDIRA, CANANÉIA/SP.**



foto nº 01.  
A produção do espaço no olhar artesanal da comunidade.  
Autor: Kátia Rangel, 20/03/08.

São Paulo, 2009.

## SUMÁRIO

	Pg
I. RESUMO.....	04
II. APRESENTAÇÃO .....	05
III. CARACTERIZAÇÃO .....	06
IV. O MODO DE VIDA TRADICIONAL .....	07
V. O TEMPO DAS TRANSFORMAÇÕES .....	10
VI. RESULTADOS .....	11
VII. BIBLIOGRAFIA.....	14

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 A produção do espaço no olhar artesanal da comunidade. ....	02
Mapa de localização .....	06
FIGURA 02 Outro núcleo de ocupação, vizinho àquele, onde a maior parte das casas. ....	08
FIGURA 03 S. Frederico, na casa de farinha que ele construiu atrás de sua casa. ....	09
FIGURA 04 Mulheres e crianças fazendo artesanatos no galpão de costuras. ....	11

## LISTA DE ABREVIações

UC	unidade de conservação.
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação.
FMI	Fundo Monetário Internacional.
Resex	Reserva extrativista.

## **I. RESUMO**

A comunidade do Mandira é considerada tradicional por manter um modo de vida adaptado aos ciclos de reprodução da natureza, dominar técnicas tradicionais de cultivo adaptadas à conservação do meio em que vivem. O modo de vida tradicional entrou em decadência com a implantação do Parque Estadual Jacupiranga, em 1969, proibindo a reprodução das práticas tradicionais de modo que a comunidade passou a reproduzir-se na ilegalidade até que encontraram no comércio de ostras, por meio da organização da atividade baseada no extrativismo sustentável e na política da comunidade, o retorno à reprodução legal e adoção de um novo modelo de unidades de conservação nos Domínios da Mata Atlântica, a reserva extrativista.

## **OBJETIVO**

O objetivo deste trabalho é observar uma comunidade tradicional do Mandira e como seu modo de vida e manifestações culturais produzem o espaço em que vivem, considerando as práticas produtivas, os recursos naturais que utilizam, suas técnicas, relações sociais, festas e a forma em que este modo foi impactado pela criação de uma unidade de conservação, sobreposta ao território da comunidade.

## **MÉTODOS E TÉCNICAS**

Como métodos foram utilizados a revisão bibliográfica, entrevistas em trabalho de campo seguindo roteiro semi-estruturado e séries fotográficas. Foram produzidos como material da pesquisa o roteiro semi-estruturado, o roteiro de trabalho de campo, diário de campo, as entrevistas, as séries fotográficas, croquis e representações de instrumentos de trabalho, a transcrição das entrevistas e relatórios.

## **PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES GEOGRÁFICAS**

Dentre as principais contribuições geográficas, o trabalho procurou fazer uma leitura da produção espacial pela cultura caiçara, representada pela comunidade tradicional do Mandira, cujo modo de vida é ligado às possibilidades

que a natureza oferece, seja nas relações sociais de trabalho, seja nas relações sociais de vizinhança e familiaridade.

## **II. APRESENTAÇÃO**

Este trabalho observou a comunidade tradicional do Mandira, como seu modo de vida e manifestações culturais produzem o espaço em que vivem, considerando as práticas produtivas, os recursos naturais que utilizam, suas técnicas, relações sociais, festas e a forma em que este modo foi impactado pela criação de uma unidade de conservação, sobreposta ao território da comunidade.

Como métodos foram utilizados a revisão bibliográfica, entrevistas em trabalho de campo seguindo roteiro semi-estruturado e séries fotográficas. Foram produzidos como material da pesquisa o roteiro semi-estruturado, o roteiro de trabalho de campo, diário de campo, as entrevistas, as séries fotográficas, croquis e representações de instrumentos de trabalho, a transcrição das entrevistas e relatórios.

A comunidade do Mandira é considerada tradicional por manter um modo de vida adaptado aos ciclos de reprodução da natureza, dominar técnicas tradicionais de cultivo adaptadas à conservação do meio em que vivem. O modo de vida tradicional entrou em decadência na década de 60 e em 1968 foi criado o Parque Estadual Jacupiranga, proibindo a reprodução das práticas tradicionais de modo que a comunidade passou a reproduzir-se na ilegalidade até que encontraram no comércio de ostras, por meio da organização política, uma atividade produtiva legal, que culminou na organização de uma cooperativa de coletores de ostras da região – Cooperostrá.

Dentre as principais contribuições geográficas, o trabalho procurou fazer uma leitura da produção espacial pela cultura caiçara, representada pela comunidade tradicional do Mandira, cujo modo de vida é ligado às possibilidades que a natureza oferece, seja nas relações sociais de trabalho, seja nas relações sociais de vizinhança e familiaridade.

### III. CARACTERIZAÇÃO

A comunidade do Mandira está localizada no município de Cananéia, extremo Sul do estado de São Paulo, região do Vale do Ribeira, nos domínios da Serra do Cadeado, também conhecida como Serra do Mandira, cujo acesso se dá pela SP 226 - Rodovia Régis Bittencourt – e Estrada Municipal de Itapitanguí-Mandira, até o km 11,5, na Pracinha do Mandira.

O Vale do Ribeira teve seus núcleos urbanos principais constituídos a partir dos ciclos econômicos, primeiro do ouro de aluvião entre os séculos XVI e XVIII, depois com o ciclo do arroz, a rizicultura, onde se formaram grandes engenhos de cultivo e produção de arroz, até que o ciclo do café mudou o foco do desenvolvimento econômico regional, uma vez que as terras do Vale do Ribeira não são aptas ao cultivo comercial de café, e o Vale permaneceu excluído do processo de desenvolvimento capitalista.

O município de Cananéia está localizado na latitude 25°00'53 e longitude 47°55'36, inserido na região administrativa de Registro, no Vale do Ribeira, tem 1272 km de área onde se distribui um total de 12.172 habitantes, dividida entre a população urbana, de 10.089 e a população rural, de 2.083 habitantes (fonte: <http://www.pt.wikipedia.org.br> – acessado em 23/08/08).

O Índice de Desenvolvimento Humano – IDH – regional é o menor do estado: 0,729, enquanto a média no estado é 0,779, sendo classificado como de desenvolvimento médio. (fonte: [www.pnud.org.br](http://www.pnud.org.br) – acessado em 23/08).



#### IV. O MODO DE VIDA TRADICIONAL

A comunidade é considerada tradicional por manter um modo de vida adaptado aos ciclos de reprodução da natureza, dominar técnicas de cultivo, adaptadas ao meio em que vivem, contribuindo para a biodiversidade da floresta e guardar mitos protetores da floresta (Diegues, 1994).

Diegues (*ibidem*) descreveu as características das populações tradicionais, e Silva as organizou da seguinte forma (1994 a):

- a) *“dependência e até simbiose com a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis a partir do qual se constrói um ”modo de vida”;*
- b) *conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido de geração em geração por via oral;*
- c) *noção de “território” ou de espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente;*
- d) *moradia e ocupação deste “território” por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados;*
- e) *importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de “mercadorias” possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica numa relação como mercado;*
- f) *reduzida acumulação de capital;*
- g) *importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais;*
- h) *importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e atividades extrativistas;*
- i) *a tecnologia utilizada é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente. Há uma reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final;*

- j) *fraco poder político, que em geral reside com os grupos de poder dos centros urbanos;*
- k) *auto-identificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras” (Diegues, 1994, p. 79 apud Silva, 2004, p. 29).*

Assim, podemos afirmar que a comunidade do Mandira é uma comunidade pelas técnicas rústicas que utiliza no manejo dos recursos que a natureza para sua reprodução, utilizando o trabalho familiar para a satisfação de suas necessidades, manutenção das relações de trocas, de vizinhança e dos mitos, apropriando-se material e simbólica do território que seus ancestrais ocuparam, a nove gerações.

As comunidades tradicionais locais constituíram bairros isolados a partir das fazendas rizicultoras abandonadas pela decadência do ciclo econômico regional, de modo que aproveitaram as estruturas produtivas existentes, vivendo dos recursos que a natureza local disponibilizava como a pequena agricultura, pesca, extrativismo, artesanato e outras práticas produtivas tradicionais (Diegues, 2001).



foto nº 02.  
Outro núcleo de ocupação, vizinho àquele, onde a maior parte das casas.  
Autor: Kátia Rangel, 20/03/08.



Na foto, identificamos alguns elementos culturais materializados no espaço:

- a) a proximidade das casas, revelando a relação de parentesco existente entre os núcleos familiares;
- b) a capela, reveladora das práticas católicas numa comunidade quilombola, ou seja, afrodescendente;
- c) a capoeira baixa dos espaços cultivados e.
- d) a exuberante floresta vizinha às casas, denunciando o olhar integrador do homem como elemento constituinte da natureza.



foto nº 03.  
S. Frederico, na casa de farinha que ele construiu atrás de sua casa.  
Autor: Kátia Rangel, 20/03/08.

Aqui, S. Frederico, o morador mais antigo da comunidade, na sua casa de farinha, vizinha à casa onde mora.

## V. O TEMPO DAS TRANSFORMAÇÕES

Segundo SILVA (2004 a), a cultura tradicional faz parte de uma sociedade maior que se relaciona com a sociedade urbano-industrial, e, por estabelecer relações com ela, reinventa-se pela incorporação de novos elementos, sendo, portanto, dinâmica.

Assim, entendemos os tradicionais, dentro do universo cultural do camponeses, como expressões locais sociedade urbano-industrial, com características particulares que dizem respeito à relação que estabelecem com o meio em que estão inseridos, sejam caipiras, sejam caiçaras, sejam caiçaras quilombolas:

*Para manter se como tal, a cultura camponesa requer uma contínua comunicação com outra cultura (a nacional, a urbana, industrial). Vista como um sistema sincrônico, a cultura camponesa não pode ser inteiramente compreendida a partir do que existe na mentalidade dos camponeses, Neste sentido, a cultura tradicional camponesa é uma expressão local de uma civilização mais ampla (Diegues, 1972 apud Silva, 2004)*

O contato com a cultura urbano-industrial provoca, inevitavelmente, impactos na cultura tradicional. No caso da comunidade do Mandira um dos impactos foi a criação de uma unidade de conservação\_sobreposta ao território da comunidade, podendo ser observada na produção do espaço da comunidade.

Uma evidência é a redução da área do bairro:

*“Quando eles venderam o sítio em Mandira a gente não morava aqui [na casa atual], a gente morava, lá. Você vai conhecê. É lá pra cima. Nós morava no parque, dentro do parque Jacupiranga, aí venderam e foram embora, a maioria foi para Cajati, Pariquera, Porto Cubatão, Cananéia, Santos, Curitiba.*

*D. Irene - Alguns venderam*

*S. Chico –Venderam uns 30 alqueires (...) quem não vendeu veio morar pra cá...*

(Chico Mandira, membro da comunidade).

As áreas de roças que não aparecem na fotografia e estão escondidas; o porto, outrora construído para aporte das canoas de pesca e que passou a ser utilizado como acesso principal do manguezal formado pelo Rio Boacica; o galpão de costuras; a casinha de bambu onde pretende-se o funcionamento de um museu da comunidade; as novas festas tradicionais, como a Festa da Ostra.



foto nº 04.  
Mulheres e crianças fazendo artesanatos no galpão de costuras.  
Autor: Kátia Rangel, 19/03/08.

A proibição das praticas tradicionais de cultivo da terra, da pesca, da caça e do uso de recursos da floresta, impediu a contínua reprodução das relações tradicionais de sociabilidade, como os mutirões de trabalho coletivo, as festas com fandango no final dos mutirões, as trocas de presentes entre os vizinhos, as festas em comemoração aos dias santos, carnaval, casamentos, aniversários entre outros.

A não continuidade da reprodução dos elementos culturais tradicionais conduziu a comunidade a um processo de descaracterização cultural, que, finalmente, culminou na partida de metade dos moradores do bairro a década de 70 e contínua partida dos filhos da comunidade nos dias de hoje para reproduzirem-se em outras localidades, urbanas.

## **VI. RESULTADOS.**

A proibição de tais práticas tradicionais foi motivada pela criação do Parque Estadual Jacupiranga, que incorporou o bairro e estendeu sobre este a legislação ambiental do parque, que é uma unidade de conservação – UC - de proteção integral, denominação usada pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC - , que não permite pessoas e comunidades morando no interior da UC.

O Parque Estadual Jacupiranga foi implantado em 1969, iminência da década de 70, quando outras UCs foram implantadas pelo regime militar brasileiro, no contexto da expansão do movimento ambientalista internacional, que influenciou a política de empréstimos concedidos pelo Fundo Monetário Internacional – FMI - aos países detentores de remanescentes de florestas tropicais, incluindo o Brasil e outros países latinos.

A solução para tal problemática foi a organização da extração de ostras do manguezal do bairro, que num primeiro momento aconteceu de forma predatória por se tratar do recurso mais disponível para comércio e, conseqüente aquisição de dinheiro para comprar no mercado os alimentos não mais produzidos pela comunidade, a partir das técnicas tradicionais de produção.

Essa organização, pautada do extrativismo sustentável e associada à organização política da comunidade, representa para a comunidade o início de um novo tempo de reprodução legal

Aos poucos a comunidade encontrou apoio de acadêmicos e respaldo legal para garantir a propriedade de suas terras ancestrais, previamente garantida pela Constituição Nacional, mas em conflito com a legislação ambiental que previa o reassentamento da comunidade para fora dos limites do parque e conseqüente expulsão de suas terras.

Assim, a comunidade lutou ao longo de trinta e cinco anos aproximadamente, contra um Estado que lhe deu garantias de terra e agora intencionava tomá-lo.

Um dos resultados da luta foi, em 2005, a implantação de um modelo de UC, só vigente até então nos Domínios da Floresta Amazônica; a reserva extrativista – RESEX.

No caso do Mandira, a Resex representou uma importante vitória para a comunidade, uma vez que permite a permanência de pessoas e comunidades morando no interior da UC e extração dos recursos naturais da reserva.

## VII. BIBLIOGRAFIA.

- ALVES, Ieda M. *Glossário de Termos Neológicos da Economia*. São Paulo: Humanitas, 1991.
- ARAÚJO, Paulo F. e SCHUCH, G. Edward. *Desenvolvimento Agrícola: Análise Política Econômica*. São Paulo: Pioneira, 1977
- BARBOZA, Cristiano. *Territórios de vida e de trabalho dos pequenos produtores de queijo da Serra da Canastra: Um estudo sobre a relação entre a produção camponesa e espaço naturais protegidos nas nascentes do Rio São Francisco, Minas Gerais*. Dissertação de mestrado defendida no Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia/MG, 2007.
- BASTOS, A. A. *A coleta de Ostra Crassostrea Brasiliana e Manejo Sustentável em Áreas de Manguezal (Mandira - Cananéia)*. Dissertação (Mestrado) – PROCAM, USP, São Paulo, 1997.
- BATALHA, Mário O. *Gestão Agroindustrial*. São Paulo: Atlas, 1997. BOMBARDI, LARISSA M. *O bairro Reforma Agrária e o processo de territorialização camponesa*. Dissertação (Mestrado). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001
- BRANDÃO, C. R. (org) *PESQUISA PARTICIPANTE*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, 4 ed.
- CÂNDIDO, A. *Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Editora 34, 1964.
- CASTRO, E. *Sistemas de produção no Assentamento Ipanema: um estudo comparativo*. Trabalho de Graduação Individual em Geografia – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004
- CERVO, Amado L. e BERVIAN, Pedro A. *Metodologia científica para uso dos estudantes universitários*. São Paulo: Mcgraw-Hill do Brasil, 1975.
- CHIQUINHO, C. R. (org). *Saberes Caiçaras: a cultura caiçara na história de Cananéia*. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 2007.

CRUZ, Rita C. Turismo em Áreas Naturais. In: CRUZ, Rita C. *Introdução à Geografia do Turismo*. São Paulo: Ed. Rocca, 2003.

\_\_\_\_\_ A produção do espaço – ponto de partida e de chegada. In: (org) *Geografias do Turismo – de lugares a pseudo-lugares*. São Paulo: Ed. Rocca, 2007.

\_\_\_\_\_ Os pseudo-lugares do turismo. In: CRUZ, Rita C. (org) *Geografias do Turismo – de lugares a pseudo-lugares*. São Paulo: Ed. Rocca, 2007.

DIEGUES, A. C. (org). *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo : NUPAUB, 1994a.

\_\_\_\_\_ e NOGARA, P. J. *O Nosso Lugar Virou Parque: estudo sócio-ambiental do Saco de Mamangá-Parati-Rio de Janeiro*. São Paulo : NUPAUB: CEMAR, 1994b.

\_\_\_\_\_ *Etnoconservação: Novos rumos para a conservação da natureza*. São Paulo : HUCITEC/NUPAUB-USP, 2000.

\_\_\_\_\_ e Arruda, R. S. *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do meio Ambiente, São Paulo: USP/NUPAUB, 2001b.

\_\_\_\_\_ *Conhecimento Tradicional e Apropriação do Ambiente Marinho*. IN *A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira*. São Paulo: NUPAUB/USP, 2004.

\_\_\_\_\_ *A ecologia política das grandes ONGs transnacionais conservacionistas*. São Paulo: NUPAUB/USP, 2008

Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo. *Intervales*. São Paulo : Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_ *Parque Estadual Intervales: plano de gestão ambiental, fase 1*. São Paulo : Fundação Florestal, 1998

FERNANDES. L. L. *Bairros rurais no município de Limeira*. Tese de doutorado – Departamento de Geografia – USP – Edição mimeografada, 1972.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. *Parque Estadual Jacupiranga: Diagnóstico Preliminar*. São Paulo, 1993.

FURLAN, S. A. *Lugar e Cidadania: Implicações Sócioambientais das Políticas de Conservação Ambiental (situação do Parque Estadual de Ilhabela na ilha de São Sebastião - SP)* Volume I. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Física, do Departamento de Geografia da FFLCH-USP, 2000.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

GEORGE, Pierre. *Geografia Agrícola no Mundo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

IBASE (INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS). *Conflitos Ambientais no Brasil: Natureza para todos ou somente para alguns?* Rio de Janeiro, 1997.

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO. *A pesca da região de Iguape e Cananéia*. 1986

FERNANDES, L. *Bairros Rurais no Município de Limeira*. Tese de doutorado – Departamento de Geografia – USP, 1972.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. Projeto de Preservação da Mata Atlântica: São Paulo 1995 a 2006.

MARINHO, Maurício. *Conflitos e possíveis diálogos entre unidades de conservação e populações camponesas : uma análise do Parque Estadual Intervales e o bairro do Guapiruvu (Vale do Ribeira/SP)*. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós- Graduação do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

MEIHY, JOSÉ C. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996, 4ª ed.

MMA, DIRETORIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, COORDENAÇÃO GERAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA. 3ª. ed, Brasília: MMA, 2005.

MMA, SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO,

MARTINS. J. S. *O Cativo da terra*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981



MARTINS, J. S. *Fronteiras: A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997

MOREIRA, Alexandre C. *Reserva Extrativista do Bairro do Mandira: A viabilidade de uma certeza*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

MOREIRA, ANDRÉ C. *Reserva Extrativista do Bairro Mandira: A viabilidade de uma incerteza*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, da Universidade de São Paulo, 1998.

MÜZEL, E. *Comunidade Ribeirinha: Apontamentos sobre a vida econômica e transformações da cultura caboclo ribeirinha*. Trabalho de Graduação Individual II – Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 2001.

NÓVOA, A. (coord). *A Formação de professores e profissão docente*. IN: NÓVOA, *Os Professores e sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote/ Instituto de Inovação Educacional, 1995. Cap 2.

OLIVEIRA, A. U. *A agricultura camponesa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1996.

OLIVEIRA, A. U. *A não Reforma Agrária do MDA/INCRA no Governo Lula*. São Paulo, 2006 – Trabalho elaborado para a Conferência Internacional sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural – CIRADR- FAO, Porto Alegre-RS, 07 a 10/03/2006.

QUEIROZ, M. *Bairros Rurais Paulistas*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

RIBEIRO, Ivan de O. *Agricultura, democracia e Socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, M. *A NATUREZA DO ESPAÇO: TÉCNICA E TEMPO. RAZÃO E EMOÇÃO*. Hucitec: São Paulo, 1996.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. *Informações básicas para o planejamento ambiental*. Secretaria do Meio Ambiente, Coordenadoria de Planejamento Ambiental – São Paulo: MMA, 2002.

SILVA, S. R. *Camburi, território de brancos, negros e índios no limite do consenso caiçara, transformações de uma população tradicional camponesa*. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004b.

SALINAS, S. *Do feudalismo ao capitalismo: transições*. São Paulo: Ed. Atual, 1991.

SILVA, S. R. *Questão Agrária em Camburi: Território, Modo de Vida e Problemas Latifundiários*, in LEVY, N. (org) *Ruralidades Latinoamericanas – Identidades y Luchas Sociales*. Buenos Aires: Clacso, 2004 a.

SNUC

THIOLLENT, Michel. *Metodologia de pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

VANDONI, R. *Alguns problemas agrícolas brasileiros*. 1978

WOORTMAN. E. (org). *Significados da terra*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004

NÓBREGA. *Desafios de política agrícola*

ARAÚJO, P. e SCHUH, G. *Desenvolvimento da agricultura*, 1975

SZMRECSÁNYI, T. *Pequena história da agricultura no Brasil*. 1936

RIBEIRO, I. *Agricultura, Democracia e Socialismo*. 1987

WEBER, M. *História Agrária Romana*. 1981.